

---






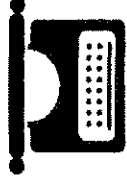






DEZ DICAS PRÁTICAS PARA

# REPORTAGENS

---

SOBRE O MEIO AMBIENTE

---

---

PETER NELSON

---



CENTRO PARA JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Fundo Mundial para a Natureza

WWF

---

---

DEZ DICAS PRÁTICAS PARA

---

# REPORTAGENS

---

SOBRE O MEIO AMBIENTE

---

Peter Nelson



## CENTRO PARA JORNALISTAS ESTRANGEIROS

O Centro para Jornalistas Estrangeiros (CFJ) foi fundado em 1984 com o objetivo de compartilhar "know-how" e informações com jornalistas e suas organizações noticiosas em todo o mundo. Para cumprir essa missão, o CFJ fornece uma ampla gama de cursos de treinamento profissional e programas educacionais, serviços de consultoria, atividades de intercâmbio, bolsas de estudo e pesquisa aplicada em jornalismo. O Centro é uma organização independente, de fins não-lucrativos, que oferece treinamento e outros tipos de apoio a jornalistas profissionais de países em desenvolvimento. Tem sede em Reston, Virginia, subúrbio de Washington, D.C., Estados Unidos. Os programas do Centro são financiados por contribuições dos meios de comunicação de massa dos Estados Unidos, assim como por doações privadas e governamentais. O endereço do CFJ é:

The Center for Foreign Journalists  
11690-A Sunrise Valley Drive  
Reston, Virginia 22091, Estados Unidos da América  
Telefones: (703) 620-5984 Fax: (703) 620-6790  
Internet: editor@cfj.org



Impresso em Papel Reciclado

© 1994. Copyright by The Center for Foreign Journalists,  
11690-A Sunrise Valley Drive  
Reston, VA 22091.  
Telefone: (703) 620-5984 Fax: (703) 620-6790  
Internet: editor@cfj.org

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou copiada sem autorização, por escrito, do editor.



O WWF (Fundo Mundial para a Natureza) é uma das maiores organizações conservacionistas internacionais de caráter privado, com 28 Organizações Nacionais Associadas e Afiliadas e mais de 5,2 milhões de membros. O WWF visa a conservar a natureza e os processos ecológicos através da preservação da diversidade genética, das espécies e dos ecossistemas, assegurando o uso sustentável de recursos naturais renováveis, tanto agora quanto a longo prazo, e promovendo ações para reduzir a poluição e o desperdício na exploração e utilização dos recursos naturais. Para mais informações, contactar:

WWF (Fundo Mundial para a Natureza)  
SHIS QL 6/8, Conjunto E, 2º andar  
71620-430 Brasília, DF Brasil  
Telefone: (061) 248-2889 Fax: (061) 248-7176  
Alternex:wwfbrfo@ax.apc.org

---

## O AUTOR

**Peter Nelson** é jornalista "free-lance", residente em Washington. No período 1990-92, foi editor-chefe de *Greenwire*, um serviço noticioso sobre o meio ambiente. Publicou numerosas reportagens sobre meio ambiente e desenvolvimento, assim como sobre políticas ambientais nos Estados Unidos. Peter Nelson também trabalhou para The Hotline, um serviço de notícias políticas. Em 1988, concluiu seus estudos em ciências políticas na Universidade de McGill, em Montreal, Canadá.

---

## AGRADECIMENTOS

Na elaboração deste manual, recebi ajuda de numerosas fontes e gostaria de expressar meu agradecimento a algumas delas.

O excelente manual para jornalistas econômicos, de Paul Hemp, também publicado pelo CFJ, serviu de modelo para esta publicação.

Meus especiais agradecimentos a Karen Morris Vincent, pela ajuda na pesquisa, realizada com seu habitual profissionalismo. Nancy Benton me ajudou com a revisão.

Recebi valiosos conselhos do editor de *Greenwire*, Philip Shabecoff, que pôs ao meu dispor seus 14 anos de experiência na editoria de meio ambiente do New York Times.

Por último, gostaria de agradecer a colaboração de toda a equipe do Centro para Jornais- tas Estrangeiros, em especial a Bryna Brennan e George Krinsky, pelas suas excelentes sugestões editoriais.

---

## SUMÁRIO

Prólogo	7
Introdução	9
1. Escreva Reportagens Originais	12
2. Crie e Preserve Boas Fontes	17
3. Prepare-se com Antecedência	22
4. Traduza o Jargão Ecológico	25
5. Torne a Reportagem Viva e Atraente	29
6. Repense as Estatísticas	35
7. Cuidado com os Conceitos Científicos	41
8. Examine as Informações com Espírito Crítico	45
9. Procure o Equilíbrio	48
10. Não Esqueça a Repercussão	52
Conclusão	55
Glossário	56

---

## PRÓLOGO

---

*Dez Dicas Práticas para Reportagens sobre o Meio Ambiente* é o segundo manual de uma série sobre técnicas de jornalismo especializado, publicada pelo Centro para Jornalistas Estrangeiros (CFJ). Da mesma forma que no primeiro manual, *Dez Dicas Práticas para Reportagens sobre Economia e Negócios*, a meta é atingir um grande número de repórteres e editores em todo o mundo, abrangendo desde o "foca" ao veterano. A idéia de produzir este trabalho resultou de uma série de "workshops" sobre o meio ambiente, conduzida pela equipe do CFJ, que constatou haver escasso material relevante e prático disponível, apesar da grande demanda existente.

As dicas foram escritas, principalmente, para repórteres. Os "focas" das editorias de meio ambiente (ecologia) podem utilizar este folheto como manual, enquanto os repórteres veteranos podem utilizar-se dele para repensar maneiras de fazer fontes e repercutir matérias cotidianas. Os editores, verdadeiros "tomadores de decisão" sobre o que chega à população através da mídia escrita e falada, também podem beneficiar-se das dicas, aprendendo a tornar as notícias de meio ambiente mais claras e pertinentes para o público. Nos "workshops" do CFJ sobre meio ambiente ouvimos com frequência a reclamação: "Diga isso para meu editor!"

Uma das linhas mestras deste manual é que as notícias sobre meio ambiente são diferentes. São abrangentes, pois discorrem sobre a própria vida. São interdependentes, pois estão relacionadas

com outros campos, como a política, a cultura e a economia. São complexas e, portanto, incompatíveis com explicações e fórmulas simplistas. São técnicas, o que significa que exigem uma certa especialização. As reportagens sobre o meio ambiente são imprecisas, porque a ciência do meio ambiente é imprecisa - nas suas fontes, nos seus dados, na metodologia científica e nas soluções. E são carregadas de emoção, por causa do efeito que exercem sobre as pessoas.

Essencialmente, porém, uma boa reportagem sobre um tema ambiental deverá ter os mesmos atributos de qualquer boa reportagem jornalística. Deverá ser interessante; deverá estar escrita com clareza; deverá explicar as complexidades do assunto aos leitores; e deverá propor soluções, e não apenas problemas.

Por último, em nome do Centro para Jornalistas Estrangeiros, gostaria de agradecer à Fundação John D. and Catherine T. MacArthur, pelo apoio a este projeto.

- **Bryna Brennan**  
Diretora de Treinamento e  
Coordenadora de Projetos do CFJ  
Janeiro de 1994

## INTRODUÇÃO

O jornalismo ambiental é um fenômeno relativamente recente. Trinta anos atrás, poucos repórteres escreviam com profundidade sobre esse tema. A preocupação com os recursos naturais e habitats ainda não era um tema tão popular quanto agora. Atualmente, a maioria das agências de notícias reconhece que o meio ambiente é uma grande fonte de pautas e, sempre que possível, mobiliza sua estrutura para cobrir o assunto.

A cobertura do meio ambiente já não é considerada uma atividade exótica. Entretanto, tem tudo para continuar sendo uma atividade complexa. As questões ambientais têm ramificações econômicas, políticas, sociológicas e de saúde pública. Transcendem as fronteiras. Nos países em desenvolvimento, onde a necessidade de crescimento é uma grande preocupação, e há um grande potencial de danos ao meio ambiente, as questões ambientais adquirem matizes mais carregados. Em tais circunstâncias, reportagens bem pautadas e bem escritas são ainda mais necessárias.

Este manual oferece algumas dicas práticas não somente para jornalistas no início de carreira, como também para profissionais com grande experiência em assuntos ambientais. Embora utilizando exemplos significativos para repórteres de países em desenvolvimento, as recomendações também são válidas para jornalistas de qualquer parte do mundo.

Há dois pontos importantes:

**1) Jornalistas precisam pensar no seu "público".**

**2) Jornalistas devem fazer perguntas.**

Acredito que a maioria das reportagens teria melhor qualidade se seguisse esses princípios. Embora pareçam óbvios, podem ser facilmente esquecidos.

A principal responsabilidade do jornalista é para com os leitores ou telespectadores. Muitas pessoas utilizam as reportagens noticiosas como única fonte de informação sobre as complexidades do meio ambiente. Isso significa que o jornalista acaba agindo como educador, ao explicar as informações técnicas para produzir uma matéria fácil de entender e interessante de ler.

Um jornalista que tem seu público em mente está mais apto a escrever claramente e a fornecer informações básicas para que a reportagem faça sentido. Alguns jornalistas argumentam que escrevem para um grupo pequeno de especialistas, e a maioria das pessoas não está interessada em notícias sobre o meio ambiente. Não concordo. Todos estão interessados no meio ambiente.

Lembrar jornalistas de fazer perguntas parece tolice. Afinal, esta é a função dos jornalistas. Entretanto, muitos se esquivam de fazer perguntas suficientes, perdendo a oportunidade de obter esclarecimentos que tornariam a reportagem mais compreensível para o leitor ou telespectador.

Alguns jornalistas ficam intimidados perante as fontes -talvez amedrontados pelos conhecimentos científicos do seu interlocutor. O resultado é que os jornalistas com frequência não questionam o suficiente para obter as informações de que necessitam: o significado de um termo

técnico, a importância de uma determinada descoberta, ou a existência, ou não, de consenso entre os cientistas sobre uma determinada questão.

É fácil acenar com a cabeça, fingindo compreender tudo, enquanto a fonte despeja um torrente de palavras. Muitos jornalistas recebem admitir sua falta de conhecimento sobre um assunto, ou fazer uma pergunta tola. Para o jornalista, não existe pergunta tola. Existem perguntas desnecessárias. É evidente que não se pergunta a um cientista de renome internacional como se soletra seu nome. É necessário preparar as entrevistas com antecedência -assunto que será abordado em outra seção deste manual. O repórter deve perguntar qualquer coisa que o ajude a compreender melhor o assunto que está sendo discutido. Pode ser embaraçoso admitir que não se sabe um determinado fato, mas nunca tão embaraçoso quanto se ganhar a reputação de mau jornalista.

As dicas deste manual variam desde como identificar idéias inovadoras para reportagens até como lidar com estatísticas. É óbvio que o manual não poderá atender a todas as suas necessidades. Mas esperamos que dê um empurrão nos iniciantes e motive os veteranos.

Por último, alguns argumentam que para produzir uma boa reportagem sobre meio ambiente, o jornalista precisa de bases de dados informatizadas, máquinas de fax e quadros de aviso eletrônicos. Discordo. Embora a tecnologia moderna possa ser útil, há muitos bons jornalistas que não usam essa parafernália. O único requisito para produzir uma boa reportagem sobre o meio ambiente é ser bom jornalista.

- **Peter Nelson**  
Washington, EUA  
Janeiro de 1994



# 1

## ESCREVA REPORTAGENS ORIGINAIS

**E**mbara o editor possa jogar um release na mesa de um repórter e pedir que o transforme em uma matéria, o mais comum é o próprio jornalista tomar a iniciativa. Idéias para reportagens sobre meio ambiente chegam de mil e uma fontes. O repórter pode ver esgoto fluindo para um rio, ou um amigo pode mencionar que um novo projeto imobiliário poderá pôr em perigo uma reserva ecológica. Os parlamentares, ao debater uma proposta no Congresso, podem tocar em questões ambientais.

Um release pode ser encarado como uma sugestão de pauta. Utilizado de maneira adequada, será um bom começo para mais uma reportagem. Entretanto, não é raro os jornalistas caírem no hábito de reescrever os releases sem acrescentar qualquer pesquisa adicional. Isso significa ser apenas um relações públicas. Além disso, cobrir tão-somente um lado da história não é apenas mau jornalismo, é também enfadonho.

Quando o release chega, a primeira pergunta que o jornalista deve fazer é se contém alguma notícia. O que o release tem de importante? Isso nem sempre é evidente, e o jornalista deve então entrar em contato com a empresa ou a agência para uma explicação. Se a explicação não for satisfatória, provavelmente não há razão para se fazer uma matéria a respeito.

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

12

Os jornalistas devem escutar diferentes opiniões acerca do release. Isso não toma muito tempo e pode garantir uma reportagem original. Se uma empresa distribui um comunicado elogiando o próprio trabalho na floresta tropical, os jornalistas devem tentar saber o que pensam a respeito os grupos ambientalistas locais, especialistas não envolvidos na questão e, se for o caso, representantes governamentais. Se a opinião dessas fontes for negativa, a empresa deverá ser contactada para responder às críticas. Da mesma maneira, se um grupo ambientalista enviar um release exigindo que o governo proíba um determinado produto químico, o jornalista deve investigar a posição de líderes empresariais, representantes governamentais e cientistas independentes.

Quando os releases referirem-se a uma reportagem ou pesquisa de opinião, deve-se tentar obter uma cópia desse documento. Muitas vezes, os releases não foram escritos pelos próprios cientistas, mas pela assessoria de imprensa. Sempre existe a possibilidade de informações científicas tenham sido desprezadas ou exageradas.

Outra boa maneira - além de pouco dispendiosa - de os jornalistas criarem fontes, assim como idéias para reportagens, é fazer parte das listas de mala direta e de fax. Os departamentos de relações públicas dos grupos ambientalistas, das empresas e das repartições governamentais têm interesse em fazer chegar às mãos dos jornalistas os relatórios e os releases da empresa para a qual trabalham. Mas não existe um cadastro que contenha os nomes e endereços de todos os jornalistas do mundo. Faz parte do trabalho do jornalista garantir sua inclusão nas listas de mala direta e de fax.

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

13

## TENHA EM MENTE

Escreva frases simples e claras.

Evite misturar várias idéias complexas num só parágrafo.

Assegure-se de que o leitor estará acompanhando seu raciocínio na passagem de uma idéia para outra.

Acrescente contexto e informações suficientes para que o leitor compreenda claramente a reportagem.

Reformule ou elimine as informações técnicas que

poderiam confundir ao invés de instruir.

Use muitas descrições.

Faça o leitor sentir o gosto e o cheiro da história; faça-o ver.

Normalmente, isso é um processo simples. Uma carta à organização, informando o endereço do jornalista, sua afiliação e seus interesses, será suficiente. O melhor é fornecer o máximo possível de informações sobre a empresa jornalística, incluindo dados sobre número de leitores ou audiência.

A carta deverá especificar os interesses específicos do jornalista - desmatamento, poluição urbana, proteção da vida selvagem, área geográfica, etc. Grandes organizações produzem tanto material que seria impraticável enviar tudo a cada jornalista.

A seguir, apresentamos um exemplo de carta que visa à inclusão do nome do jornalista em tal lista de mala direta ou fax.

Prezado(a) Senhor(a),

Meu nome é Peter Nelson e sou responsável pela editoria de Meio Ambiente no The Daily Times. O Times tem tiragem de 80 mil exemplares, e entre seus leitores há muitos formuladores de políticas e líderes empresariais.

Gostaria que meu nome fosse incluído na sua lista de mala direta ou fax e de receber quaisquer relatórios, releases, etc. de interesse na área ambiental. Tais informações seriam muito valiosas para mim e acredito que serviriam de base para grandes reportagens.

Estou particularmente interessado em informações relacionadas a (por exemplo, desenvolvimento sustentável, desmatamento, poluição das águas, etc.).

Sinceramente,

Peter Nelson  
endereço  
números de telefone e fax

Uma grande parte das informações recebidas pelo correio provavelmente será dispensável. É incrível o número de árvores cortadas para produzir papel, no qual se imprimem releases inúteis. Infelizmente, a única maneira de obter boas informações é fazer uma triagem de tudo o que é enviado. Ao longo do tempo ficará claro quais organizações enviam informações úteis. Outra maneira interessante de se obter material para uma futura pesquisa é pedir listas de publicações.

O difícil é achar os nomes e endereços certos. Uma boa técnica é perguntar ao entrevistado se sua organização ou agência distribui releases e relatórios. Descubra o nome e o endereço da pessoa com quem deve contactar.

Em geral, os jornalistas precisam ter um papel ativo na busca de boas idéias para reportagens. Existe uma tendência de que a cobertura ambiental fique limitada a acidentes, como vazamentos de substâncias tóxicas, ou eventos "preparados" por grupos ambientalistas ou empresas.

Um método comum para se obter boas reportagens é contactar as fontes periodicamente e perguntar o que há de novo. Essa prática ajuda a manter os jornalistas a par das novidades.

Ler e assistir a reportagens ambientais contribui para a melhor compreensão das questões e para a produção de pautas. A ética jornalística condena o plágio, mas admite que algumas das melhores pautas surgem quando se lê ou assiste ao trabalho de um colega. Uma informação numa revista, na televisão, no rádio, ou um artigo de jornal, poderá despertar a idéia de uma nova reportagem. Uma matéria sobre queimada na

Amazônia poderá levar a uma reportagem sobre consumo de combustíveis, ou sobre modernização agrícola.

Os repórteres - e os editores - devem ter sempre em mente que uma pauta ambiental pode surgir a qualquer momento, de qualquer área jornalística.

## CRIE E PRESERVE BOAS FONTES

# 2

Os jornalistas não nascem com longas listas de fontes, mas não podem sobreviver profissionalmente sem elas. Para escrever reportagens sobre meio ambiente, ter uma lista de especialistas confiáveis é indispensável, tendo em vista as complexidades inerentes à cobertura de assuntos técnicos.

A melhor maneira de o jornalista ter certeza de que está fazendo uma cobertura confiável de um tópico complexo é checar as informações com o máximo de fontes possível. Algumas dessas fontes serão citadas, enquanto outras simplesmente - mas imprescindivelmente - fornecerão os conhecimentos básicos requeridos, assim como dicas e explicações.

Infelizmente, descobrir boas fontes dá trabalho. A maioria dos jornalistas não tem acesso a uma lista abrangente de especialistas. Precisam desenvolver sua própria agenda de fontes.

Um dos métodos mais comuns de expandir - ou iniciar - uma relação de fontes é tomá-la "emprestada" de colegas. Essa prática do jornalismo inclui verificar os nomes das fontes que os colegas estão citando em jornais, revistas, rádio, televisão e boletins. É a maneira mais rápida de aumentar o número de especialistas com potencial

de fornecer as informações que o jornalista vier a precisar; é particularmente útil para aquele que está iniciando suas atividades num novo setor. Amplie essa lista solicitando, a cada pessoa entrevistada, que recomende outra fonte.

Alguns jornalistas procuram pautas nas universidades locais. As instituições acadêmicas são um lugar confiável para obter os nomes e endereços de pesquisadores renomados. Os funcionários públicos, os parlamentares, as organizações não-governamentais (ONG) e as organizações independentes também poderão indicar outras fontes. A pergunta que o repórter deve sempre fazer, ao final da entrevista, é: "Poderia me sugerir outras pessoas com quem falar?"

Os jornalistas também precisam avaliar suas fontes. Elas cooperam? São respeitadas pelos seus colegas? Foram confiáveis no passado? É claro que uma resposta negativa a esta última pergunta significa simplesmente descartar aquela fonte. É necessário lembrar que a reputação e a credibilidade do jornalista com frequência dependem do que as fontes lhe dizem.

Além disso, é preciso observar se a fonte se expressa com clareza. Muitas pessoas brilhantes têm dificuldade de se comunicar com leigos. Se um cientista de renome não consegue explicar o assunto claramente, o repórter deve procurar alguém menos famoso, mas que tenha facilidade para explicar o tema. Entretanto, os repórteres só devem fazer perguntas sobre assuntos que estão dentro da especialidade do entrevistado. Usar um especialista em aquecimento global, que sabe expressar-se com clareza, como fonte principal para uma reportagem sobre desmatamento está longe de ser o ideal.

Boas fontes são extremamente valiosas. Após identificadas, devem ser mantidas. Prepare-se para a entrevista, a fim de não desperdiçar o tempo da sua fonte. Os jornalistas devem ter conhecimentos básicos acerca dos pontos de vista da fonte, do assunto da entrevista, assim como de seu trabalho anterior na área.

Os jornalistas não devem telefonar para a fonte apenas quando precisarem de alguma coisa, mas sim para criar o hábito de fornecer e trocar informações. Com frequência, os jornalistas são os primeiros a saber das novidades e de outros itens de interesse para fontes especiais. Compartilhe tais informações. A longo prazo, essa prática poderá render-lhe dicas para matérias interessantes.

Para manter as fontes é indispensável tratá-las corretamente. Não somente faz parte da ética, como também é de interesse para o jornalista: indispor-se com uma fonte desnecessariamente prejudicará o jornalista em futuras reportagens.

Tratar as fontes corretamente significa:

- 1) ser honesto. Identificar-se como jornalista e ser claro quanto à natureza da reportagem;
- 2) citar a fonte com precisão e nunca fora de contexto; não é preciso dizer que só se pode pôr entre aspas exatamente aquilo que a fonte disse. Em alguns casos, contudo, é aceitável fazer pequenas mudanças para melhorar a sintaxe e a gramática;
- 3) ser gentil e tratar a fonte respeitosamente. Isso não significa evitar perguntas mais duras, já que é possível ser bem educado e investigativo ao mesmo tempo; infelizmente, muitos jornalistas parecem

## TENHA EM MENTE

Seja gentil.

Recomenda-se aos jornalistas sem área específica que deixem para o fim a pergunta mais difícil - ou seja, aquela após a qual vão colocá-lo para fora.

Isso nem sempre é aconselhável na área de meio ambiente.

Com frequência, os jornalistas que cobrem meio ambiente verificam, ao retornar à redação, que precisam contactar a fonte novamente para que explique o significado de algum termo técnico.

confundir agressividade com o bom desempenho da profissão;

4) estabelecer regras básicas para a entrevista. Os jornalistas têm seu próprio jargão para as diversas regras básicas, o qual varia conforme o país. Eis algumas definições mais comuns a vários países: "On the record" significa que a fonte pode ser citada nominalmente. "On background" significa que pode ser citada, mas anonimamente, com uma descrição geral apenas (por exemplo, "um funcionário de alto escalão disse..."). "Deep background" significa que o jornalista pode usar as informações fornecidas mas sem referência alguma à fonte. Se a fonte está falando "off the record", isso significa que nada pode constar da reportagem. Isso deve ser evitado, já que as mesmas informações podem estar facilmente disponíveis - "on the record" - em outras fontes.

A maioria das fontes não está familiarizada com esse jargão e o melhor é ser o mais explícito possível acerca das regras de uma entrevista. É evidente que o ideal seria que tudo fosse sujeito a publicação. Alguns jornalistas são tão ansiosos por informações que garantem o anonimato da fonte, mesmo antes de serem solicitados.

Algumas vezes as fontes dizem, em "on", coisas que mais tarde prefeririam que não fossem citadas. Isso pode criar um dilema. De acordo com as "regras", o comentário poderia ser utilizado, já que as diretrizes tinham sido estabelecidas. Mas os jornalistas devem considerar se querem ou não utilizar novamente aquela fonte, e se vale a pena publicar a informação e aguentar as consequências.

Mesmo que o jornalista seja totalmente fiel, não há qualquer garantia de que a fonte não ficará aborrecida com a reportagem se o resultado

não foi o esperado. Aliás, isso acontece com frequência. Mas o jornalista nunca deve escrever a matéria com o objetivo de agradar suas fontes. A primeira responsabilidade do jornalista é com seus leitores ou sua audiência, não com as fontes.

# 3

## PREPARE-SE COM ANTECEDÊNCIA

Os jornalistas devem estudar, com antecedência, os assuntos que irão abordar. Uma das grandes vantagens do jornalismo é permitir que os profissionais da área desenvolvam um certo grau de especialização na editoria que cobrem. Isso fica bastante claro quanto se trata de um assunto tão contemporâneo e interessante quanto o meio ambiente.

A chave do sucesso de uma reportagem sobre meio ambiente é o preparo antecipado. Isso aplica-se igualmente a "focos" e a veteranos. No começo, os repórteres novatos na área podem sentir-se assustados diante da complexidade do tema, quando estão se preparando para uma entrevista ou coletiva. Aos iniciantes pode-se perdoar o desconhecimento de algumas informações básicas. Por exemplo, se uma fonte mencionar a "Comissão Brundtland"<sup>1</sup>, e você for inexperiente em pautas sobre o meio ambiente e não souber o que significa, não hesite em perguntar. Se a resposta não for clara, pergunte novamente. A qualidade mais importante de um jornalista é a vontade de perguntar e sua habilidade ao fazê-lo.

<sup>1</sup> A "Comissão Brundtland" era uma comissão do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Sua conclusão, em 1987, de que a gestão sustentável dos recursos ambientais era necessária para assegurar a sobrevivência humana exerceu uma influência fundamental nos debates da Rio-92.

Por outro lado, espera-se que repórteres mais experientes com o tema meio ambiente tenham conhecimentos básicos das questões mais relevantes dessa área. Um jornalista veterano, responsável pela editoria de meio ambiente, perderá a credibilidade se perguntar à fonte o que é a "Comissão Brundtland". Qualquer jornalista que não tiver uma boa compreensão das questões ecológicas básicas após alguns anos na área arrisca ser tachado de preguiçoso - ou, o que é pior, incompetente. Os jornalistas devem aprender o máximo possível sobre o assunto e manter-se permanentemente atualizados.

Poucos jornalistas afirmariam que não precisam conhecer o assunto que cobrem. Alguns podem dizer que é difícil achar tempo para aprender, quando se cobre uma área tão ampla quanto o meio ambiente, principalmente quando também são responsáveis por outras áreas.

Alguns jornalistas têm formação específica em ciências, mas este não é o caso da maioria. De maneira geral os jornalistas cobrem a área ecológica sem uma formação no assunto. Um modo de ampliar seu conhecimento é participar de cursos introdutórios em ecologia e ciências ambientais. O que nem sempre é possível. Muitos jornalistas não têm acesso à universidade, enquanto que outros estão muito ocupados ou não possuem os recursos financeiros necessários.

Em geral, as fontes presumem que o jornalista possui uma boa base sobre o assunto que escreve. Mas o meio ambiente é um assunto muito extenso; seria impossível saber tudo.

A melhor maneira de aprender é fazendo perguntas e, depois, reformular as respostas de maneira clara e sucinta. Os veteranos também

## TENHA EM MENTE

Se houver tempo durante a entrevista, faça perguntas que o ajudem a expandir seus conhecimentos sobre as questões ecológicas em geral.

Não seja tímido, peça às suas fontes que lhe recomendem livros, glossários, ou material informativo básico.

podem usar essa técnica quando estão obtendo novos dados ou informações.

Os jornalistas devem informar-se para poder repassar o conhecimento aos seus leitores. Podem participar de "workshops" e seminários, ler livros e revistas especializadas, pedir esclarecimentos de cientistas e outros especialistas e conversar com colegas mais experientes. Além disso, os repórteres sempre devem guardar suas anotações e recortes de jornais e revistas para futura referência.

Lembre-se de que, embora a aprendizagem de um novo assunto possa inicialmente tomar muito tempo, ela trará benefícios profissionais a longo prazo. Quanto mais o repórter souber, mais rapidamente poderá identificar os pontos-chave de uma determinada história. Além disso, um jornalista bem informado tem maiores probabilidades de produzir uma reportagem precisa e informativa.

Um repórter com reputação de despreparado arrisca ver recusados seus pedidos de entrevista. Os jornalistas experientes fazem a maior parte do trabalho antes das entrevistas ou coletivas, estudando o assunto e informando-se sobre a pessoa que vão entrevistar. Seria lamentável um repórter que, tendo apenas vinte minutos para entrevistar um cientista de renome mundial, desperdiçasse tempo perguntando ao entrevistado como se soletra seu nome ou pedindo-lhe que explicasse o efeito estufa.

**Em poucas palavras: Faça seu dever de casa!**

## TRADUZA O JARGÃO AMBIENTAL

# 4

O principal desafio enfrentado pelos jornalistas que cobrem meio ambiente provavelmente é traduzir o palavreado científico em linguagem clara e concisa. A maioria dos leitores de jornal, telespectadores e ouvintes de rádio não tem tempo ou disposição para consultar o dicionário para decifrar os termos ecológicos.

Imagine um típico comerciante de São Paulo pegando o jornal e lendo uma reportagem sobre a poluição do ar da sua cidade. A história diz o seguinte:

**Pesquisadores informam que a medição do volume de gases de escapamento dos veículos pesados indica uma correlação linear entre o peso bruto do veículo e o volume de gases de seu escapamento.**

Os termos técnicos confundem e aborrecem o comerciante, que simplesmente não lerá aquela matéria. Um leitor familiarizado com o jargão poderá decodificar a frase: veículos pesados, como os caminhões, poluem mais do que os veículos mais leves, como os carros de passeio. Mas por que o jornalista não colocou a idéia dessa forma?

Raramente um repórter escreve, intencionalmente, uma matéria que os leitores não podem entender. Mas muitos incluem termos que têm exatamente esse efeito. O jornalista deve ter consciência de que algumas reportagens sobre meio ambiente são muito importantes para a vida das pessoas e justificam o esforço de traduzir o jargão ambientalista. Pense no jargão como sendo um idioma estrangeiro - porque é exatamente assim que ele soa para os leitores.

Alguns jornalistas argumentam que seu trabalho é dirigido a técnicos do governo e líderes empresariais, que compreendem a maioria dos termos técnicos. Gastar espaço para explicar essa terminologia seria insultar a inteligência dos leitores ou telespectadores.

Mas mesmo especialistas têm dificuldade quando leem ou ouvem o jargão ambientalista. Algumas vezes, os próprios especialistas não têm certeza do significado exato de alguns termos. As pessoas preferem reportagens claras e bem estruturadas, ao invés de textos confusos e de linguagem burocrática.

Por vezes o jargão ambientalista é usado nas matérias porque os próprios jornalistas têm dúvidas sobre o significado dos termos. Com receio de cometer erros, ou em deferência à importância da fonte, os jornalistas apenas repetem o jargão ao pé da letra. Esse é mais um bom argumento para traduzir o conceito - obriga o jornalista a compreender os termos que usa.

Sempre há o risco de, ao traduzir o jargão, o jornalista simplificá-lo excessivamente, ou distorcer seu significado. Em geral existe um remédio para isso: pedir à fonte que forneça uma explicação simples.

Alguns repórteres sentem-se constrangidos em admitir que não compreenderam os comentários da fonte. Contudo, mesmo os jornalistas mais experientes devem pedir às suas fontes que expliquem um termo, ou que reestruturem seus comentários em linguagem mais simples.

Os jornalistas não devem hesitar em dizer às suas fontes: "Lamento, mas não sei se entendi bem o que quis dizer. Vamos nos certificar de que entendi direito." Ou fazer com que a fonte faça o trabalho mais duro: "Como você explicaria isso, de maneira mais clara, para o grande público?"

Uma vez escolhida uma explicação, você pode checá-la com a fonte. Por exemplo: "Então, se entendi direito, a biodiversidade é a variedade da vida em todos os níveis, incluindo o número de espécies e as diferenças dentro de cada espécie." Se o jornalista tiver entendido errado, a fonte terá uma oportunidade para explicar o conceito.

Algunas vezes não é possível evitar o uso do jargão. Um certo termo pode ter um significado tão especializado ou um uso tão generalizado que o jornalista não tem escolha. Ainda assim, o termo deverá ser explicado.

Por exemplo, um jornalista que esteja preparando uma reportagem sobre poluição do ar pode querer enfatizar que o "smog" ocorre, com frequência, quando o ar parado ou estagnado impede que os poluentes sejam dissipados ou desfeitos. Ao explicar as causas da estagnação do ar, provavelmente precisará fazer referência ao fenômeno da inversão térmica. Definindo os termos imediatamente, o jornalista evitará confundir seus leitores.

## TENHA EM MENTE

Releia sua reportagem e verifique:

- se está usando linguagem cifrada;

- se o texto não vai confundir o leitor;

- se explicou de maneira precisa e apropriada o jargão e os termos científicos;

- se o texto ajuda a aumentar o conhecimento dos leitores ou telespectadores.



Primeiramente, o jornalista precisa conhecer o significado do termo. As inversões térmicas ocorrem quando uma camada de ar quente estaciona sobre uma camada de ar mais frio e poluído perto da superfície da Terra. O termo pode ser explicado da seguinte maneira:

O meteorologista informou que a espessa camada de "smog" que paira sobre a cidade é causada por uma inversão térmica, ou seja, uma camada de ar quente que forma uma espécie de tampa, prendendo a camada de ar mais frio e poluído perto da superfície da Terra.

É difícil e demorado, algumas vezes, elaborar definições claras e precisas para certos termos técnicos. Entretanto, os jornalistas podem criar seus próprios manuais de referência, em cartões de arquivo ou num caderno de anotações. Essas definições podem ser rapidamente inseridas nas reportagens. No final deste manual incluímos um glossário com alguns termos técnicos de meio ambiente, que pode ser usado como uma base.

## TORNE A REPORTAGEM VIVA E ATRAENTE

# 5

Mesmo quando a reportagem está escrita em linguagem clara, os leitores ou telespectadores poderão sentir-se confusos se não houver informações suficientes. Os jornalistas da editoria de meio ambiente algumas vezes se esquecem que nem todos sabem tudo que aconteceu na Rio 92.<sup>2</sup>

Lembre-se de que a reportagem deverá ser compreendida pelo leitor comum, que, em geral, não acompanha regularmente as notícias sobre meio ambiente. Sem uma contextualização mínima e informações básicas, o leitor poderá não entender a matéria ou deixar de perceber sua importância.

O jornalista deve habituar-se a verificar se o seu texto não deixa perguntas sem resposta. Por exemplo, leia o seguinte trecho de um relatório sobre os esforços para limpar um rio na Tailândia:

**O programa do governo visa a erradicar o aguapé - um grande problema no rio -, mostrando à população diversas maneiras de utilizar a planta, incluindo a produção de composto e de artesanato.**

<sup>2</sup> Mais de 180 líderes de todo o mundo participaram da Rio 92, ou Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Entre as convenções assinadas nessa reunião destacam-se as de Biodiversidade e a Convenção Climática.

Várias perguntas vêm, imediatamente, à tona. Primeiro, por que o aguapé é "um grande problema no rio"? Esse problema está relacionado com a qualidade da água? É problema para os pescadores? Caso afirmativo, por quê? Quais são as consequências econômicas do problema? Além disso, quando o aguapé se tornou um problema?

Embora o repórter não tenha explicado na matéria, o aguapé prolifera na água. Mas sua taxa de crescimento aumenta enormemente quando os nutrientes contidos nos fertilizantes usados nas fazendas vizinhas escoam para os rios e lagos. A explicação do problema e das soluções possíveis não tomaria muito espaço e facilitaria a compreensão da reportagem pelo leitor.

O jornalista deve prever as questões do leitor ou telespectador, já que mesmo assuntos que aparentemente "todos" entendem exigem algumas informações básicas. Uma reportagem recente sobre os níveis de ozônio na estratosfera sobre a América do Sul incluiu o seguinte parágrafo:

**O ozônio filtra a radiação ultravioleta proveniente do sol. Isso significa que uma quantidade menor de ozônio deixa passar uma maior quantidade de radiações, inclusive de radiação ultravioleta-B, que pode causar câncer de pele e catarata. Em 4 de outubro passado, a camada de ozônio sobre a cidade caiu para 175 Dobson, que é a unidade padrão usada para medi-la. Acredita-se que esse foi o menor nível já medido sobre**

**um centro urbano. Normalmente a camada de ozônio sobre a cidade equivale a 300 Dobson.**

O repórter fez um trabalho admirável para explicar os efeitos da redução da camada de ozônio e para contextualizar o problema em nível local. Na sequência da matéria, o repórter deveria fazer um pequeno histórico sobre o fenômeno, especificando a ocasião em que foi verificado pela primeira vez, por que se usa unidades Dobson e desde quando são utilizadas. É evidente que, antes de escrever a reportagem, ele precisa dominar o assunto.

Ao decidir a quantidade de informações que deve colocar na matéria, o repórter deve lembrar-se do grande público. Alguns jornalistas pensam num conhecido, num amigo, ou num parente. A seguir, perguntam-se: "Esta matéria está clara ou deveriam ser acrescentadas outras explicações?"

Por mais informativas que sejam, contudo, algumas matérias podem parecer pouco interessantes para leitores e telespectadores. Isso ocorre com frequência com matérias sobre meio ambiente - uma reportagem sobre a camada de ozônio, por exemplo, poderá parecer distante da realidade das pessoas. Nem sempre o público percebe a importância de um tema como esse. Para que leitores e telespectadores interessem-se por uma matéria importante, é também preciso que lhes sejam oferecidas razões para esse interesse.

Ao começar uma reportagem, o jornalista deve perguntar-se: "Por que alguém se interessaria por este assunto?" Uma matéria sobre a poluição do ar na cidade de Santiago do Chile, por exemplo,

deverá considerar como a poluição do ar afeta a vida e o bem-estar dos residentes dessa cidade, ou a economia local.

Sabemos que quase sempre a poluição afeta a saúde pública. Existem exemplos? Há estudos relacionando os altos níveis de poluição do ar a problemas de saúde? A população de Santiago tem maior probabilidade de sofrer de doenças respiratórias do que a de outras regiões do Chile?

A propósito, um importante estudo demonstrou que a probabilidade de as crianças de Santiago terem bronquite e outras doenças similares é cinco vezes maior do que a das crianças de outras partes daquele país.

O jornalista tem duas opções: Simplesmente expor os fatos do estudo mencionado ou desenvolver um ângulo local para dar maior impacto ao assunto. Por exemplo:

**Francisco Fuentes está sentado perto da cerca do parquinho na sua escola em Santiago, incapaz de brincar com seus colegas porque está sempre ofegante.**

A seguir, o jornalista explicará que Francisco é uma entre cinco crianças que sofrem de problemas respiratórios, de acordo com um estudo publicado.

É assim que se humaniza uma reportagem, enriquecendo-a com descrições do problema, usando verbos que denotam ação como forma de transmitir informações básicas, explicações sobre o contexto e estatísticas.

Problemas que afetam a saúde pública também costumam trazer impactos para a economia. As doenças associadas à poluição são responsáveis pelo aumento nas despesas com saúde? Os trabalhadores são menos produtivos devido a poluição? O custo da proteção ao meio ambiente também interessa aos leitores. Os repórteres devem explicar esse custo. Os esforços para limpar o ar em Santiago do Chile resultarão num aumento dos preços a curto prazo? E a longo prazo?

Entretanto, é preciso estar atento: sempre existe o perigo de cair no exagero para tentar demonstrar a importância de um assunto. Os jornalistas devem precaver-se contra o sensacionalismo. A relevância de um assunto deve-se basear num sólido raciocínio científico e não em declarações levianas e especulações infundadas.

Em geral, é mais fácil mostrar a importância dos problemas ambientais quando eles afetam diretamente a economia ou a saúde das pessoas. Demonstrar a importância de outras questões - a proteção da vida selvagem, por exemplo - pode ser mais difícil.

Um grande número de pessoas parece ter interesse particular no bem-estar de algumas espécies. A reportagem de um jornalista americano sobre os efeitos do DDT na águia de cabeça branca<sup>3</sup> certamente atrairá muitos leitores. Da mesma maneira, um jornalista indiano que esteja escrevendo sobre vacas poderá presumir que muitos leitores se interessarão pelo assunto. Na Índia, as vacas são consideradas sagradas pelos hindus.

3 N.T. - A águia de cabeça branca (*Haliaeetus leucoccephalus*) é o animal símbolo dos Estados Unidos, constando do brasão daquele país.

Outra maneira de escrever matérias sobre a proteção da natureza é usar como gancho o papel desempenhado por uma espécie num determinado ecossistema, por exemplo. Predadores como as raposas, se levados à extinção, não poderão mais controlar a população de roedores. Além disso, em muitos países, os turistas que visitam os parques nacionais são uma fonte importante de divisas.

## TENHA EM MENTE

As histórias sobre o meio ambiente se prestam para reportagens de capa.

Um "lead" interessante ajuda a garantir a continuidade da leitura.

Insira estatísticas no seu texto, de maneira a fundamentar suas afirmações.

A meta é tornar a reportagem significativa, torná-la leitura essencial.

Entretanto, existem muitos casos em que a proteção de uma espécie não gera benefícios econômicos ou sanitários claros. Por que nos preocuparmos com a extinção de um pequeno pássaro? Muitos dizem que o pássaro deve ser protegido pelo seu valor intrínseco, enquanto outros discordam e consideram os esforços para proteger o pássaro como um obstáculo desnecessário ao desenvolvimento.

Nem todas as pessoas irão concordar que a preservação de uma espécie é importante. Mas algumas acreditam. Outras darão preferência ao desenvolvimento econômico. Quando há dinheiro envolvido, a opinião das pessoas sobre o tema tratado por uma reportagem pode variar muito.

## REPENSE AS ESTATÍSTICAS

# 6

**O** Japão reduziu suas importações de toras de florestas tropicais em 5% nos últimos cinco anos.

Uma autoridade japonesa citou esse dado depois que grupos ambientalistas afirmaram que o consumo japonês de madeiras tropicais era uma das principais causas do desmatamento no sudeste asiático. Parecia haver uma contradição.

Entretanto, observe atentamente o que o alto funcionário japonês disse. Ele não disse que o Japão havia reduzido seu consumo de madeiras tropicais. Disse apenas que tinha reduzido suas importações de toras. Essa redução ocorreu porque as empresas japonesas passaram a processar parte das toras em outros países. A importação de toras tropicais diminuiu, mas a quantidade de madeiras tropicais importadas no período em questão, na verdade, aumentou.

Eis outro exemplo. Algumas madeiras norte-americanas afirmam que existem mais árvores nos Estados Unidos atualmente do que cem anos atrás. Essa estatística é citada como prova do cuidado dessas empresas para com as florestas dos Estados Unidos.

Esse dado não é falso. Mas essa formulação, aparentemente inquestionável, é enganosa. Por quê?

Porque trata todas as árvores indistintamente. Não diferencia uma muda de árvore, com pouco mais de um metro, de uma sequóia (*Sequoia sempervirens*) com quase 300 metros de altura. As florestas nativas dos Estados Unidos foram praticamente dizimadas, sendo substituídas por florestas plantadas. É possível haver mais árvores e menos florestas.

É comum as fontes terem um determinado ponto de vista que desejam transmitir e por vezes chegam a manipular estatísticas. Uma meia-verdade pode ser mais perigosa do que uma mentira. O mais provável é que as cifras sejam enganosas ou estejam fora de contexto. Em geral, isso é feito mediante mudanças sutis na forma de apresentar os dados.

No primeiro exemplo, o alto funcionário japonês enfatizou que as *importações* de toras tropicais tinham diminuído, sem mencionar que o *consumo* de toras tropicais tinha aumentado. No segundo exemplo, as madeiras mencionaram o *número de árvores*, sendo que os ecologistas estão preocupados com o *destino das florestas nativas e das espécies que nelas vivem*.

O jornalista deve estar atento ao contexto em que se insere qualquer estatística, e verificar a procedência dos dados. Eles vêm de uma organização ou de um grupo cujas informações são confiáveis? Se possível, deve obter uma cópia do relatório ou da tabela que contém a estatística em questão, para checá-la. Quando houver dados conflitantes, anote também quais são as fontes.

Também é importante obter opiniões a respeito das estatísticas. Consulte outros especialistas sobre a confiabilidade das

informações. Peça-os para responder a uma pergunta: Qual é o significado dessa estatística?

Vejam outro exemplo de estatística enganosa. Um levantamento junto a especialistas em ciências da atmosfera demonstrou que 70% acreditam que está havendo um aquecimento global causado pelo homem; 10% não acreditam que está ocorrendo tal aquecimento; e 20% não sabiam.

O levantamento parece mostrar que os economistas contrários à imediata implementação de medidas de redução das emissões de CO<sub>2</sub> e de outros gases causadores do efeito estufa estão indo contra a grande maioria dos cientistas. Certo?

Não exatamente. A maior parte das divergências entre os cientistas quanto às mudanças climáticas refere-se à velocidade e à magnitude previstas para o fenômeno, não à probabilidade de sua ocorrência. Enquanto alguns cientistas acreditam que a temperatura média da Terra aumentará em 1°C nos próximos 200 anos, outros acham que o aumento será de 2°C nos próximos 40 anos. Ambos os grupos estão entre os 70% que acreditam estar havendo um aquecimento global. Mas as políticas recomendadas pelo primeiro serão muito diferentes das sugeridas pelo segundo.

Isso não significa que a maioria dos cientistas não recomendaria uma diminuição das emissões de CO<sub>2</sub>, apenas que um jornalista não poderia tirar conclusões com base, tão-somente, nesse levantamento.

A popularidade das pesquisas de opinião pública aumentou muito nos últimos anos. É mais

## TENHA EM MENTE

Ao usar números, pense em termos de analogia.

Por exemplo, um jornalista latino-americano descrevendo o tamanho de uma região desmatada poderia dizer que a área afetada é do tamanho de El Salvador.

Um jornalista brasileiro poderia explicar que a mancha de petróleo resultante do vazamento de um navio é equivalente ao estado de Santa Catarina.

Ao citar estatísticas, assegure-se de que são fáceis de entender, por exemplo, "uma dentre cinco pessoas", ao invés de "20% da população."

fácil enganar as pessoas com os números tirados desses levantamentos do que com outros tipos de estatística. O repórter deve examinar cuidadosamente esses resultados. As primeiras perguntas a se fazer a respeito de qualquer levantamento são as seguintes: Por que foi feita a pesquisa? Quem a realizou? Quem está interessado nos resultados?

A seguir, o repórter deve examinar a amostra utilizada (por exemplo, o número de pessoas entrevistadas). Para se ter resultados confiáveis, é fundamental que a amostra não seja tendenciosa. Há muitas maneiras de uma amostra ser tendenciosa. Imaginemos que uma revista faça aos leitores a seguinte pergunta: "O governo está fazendo tudo que é necessário para proteger o meio ambiente?" Uma revista ambientalista receberia uma resposta diferente da de uma revista sobre economia. Por isso, um bom levantamento deve utilizar uma amostra aleatória, menos propensa a ser tendenciosa.

Entretanto, mesmo uma amostra supostamente aleatória pode ter problemas. Nos Estados Unidos, a maioria dos levantamentos é realizada pelo telefone. Isso funciona muito bem porque a maior parte da população tem telefone. Mas, nos países em que boa parte da população não tem acesso a esse serviço, a amostragem seria tendenciosa. Em geral, pessoas com telefone são as de maior poder aquisitivo, moradoras de centros urbanos.

A amostra deve ser de tamanho razoável. Quanto menor a amostra, menos confiáveis serão seus resultados. Nas cidades, independentemente do seu tamanho, as amostras variam entre 400 e 1.000 pessoas. Depende da abrangência do

levantamento. Numa comunidade com 1.000

habitantes, uma amostra de 100 é bastante boa. As entrevistas de rua não necessariamente refletem o que a maior parte da população pensa, mas podem fornecer indícios do que as pessoas estão pensando.

Os repórteres também devem examinar a maneira como as perguntas são formuladas, o que pode ter grande influência sobre os resultados. Por exemplo, uma pesquisa de opinião pública pode indicar que 70% das pessoas na amostragem concordam com a seguinte afirmação: "O governo deveria editar mais leis de proteção ao meio ambiente." Entretanto, outro levantamento pode constatar que apenas 30% dos entrevistados concordam com esta colocação: "É necessário impor mais regulamentações de natureza ambiental às empresas."

A diferença está na maneira de perguntar. A primeira colocação enfatiza a proteção ao meio ambiente, enquanto a segunda refere-se a obrigações das empresas. A primeira utiliza a palavra "leis", enquanto a segunda se refere a "regulamentações", palavra de cunho burocrático. É indispensável que o repórter verifique a formulação das perguntas antes de utilizar o resultado de pesquisas.

Por último, as respostas das pessoas às pesquisas devem ser vistas com certo ceticismo. Uma pergunta comum é "Estaria disposto a sacrificar o crescimento econômico para proteger o meio ambiente?" A grande maioria dos entrevistados poderá responder que sim. Mas se o governo tentar sacrificar o crescimento econômico para proteger o meio ambiente, enfrentará, provavelmente, uma acirrada oposição. Porque é

mais fácil responder "sim" a uma pergunta do que fazer, de fato, um sacrifício.

Aliás, essa última questão oferece outro exemplo das limitações das pesquisas de opinião pública. A pergunta presume, implicitamente, que o crescimento econômico e a proteção ambiental são valores conflitantes. Muitos ambientalistas e economistas pensam o contrário.

As estatísticas são parte indispensável do jornalismo ambiental. O jornalista pode utilizá-las para demonstrar a gravidade de um problema ou para mostrar que tal problema foi exagerado. Mas precisa sempre avaliar cuidadosamente os dados antes de passá-los aos leitores.

## CUIDADO COM OS CONCEITOS CIENTÍFICOS

# 7

As informações geradas pela ciência são essenciais a uma boa reportagem sobre o meio ambiente. Um rápido exame dos temas ambientais mais importantes (poluição do ar, biodiversidade, produtos químicos tóxicos, efeito estufa, camada de ozônio, etc.) mostra que sua compreensão depende do conhecimento científico.

Cientistas do mundo inteiro têm expressado sua insatisfação com a maneira pela qual a imprensa trata os assuntos da área científica. Matérias sobre ciência, dizem, são frequentemente apresentadas de forma enganosa. Infelizmente, há bastante verdade nessa acusação.

Parte do problema reside no fato de que os cientistas e os jornalistas são orientados por princípios diferentes. Os cientistas procuram a verdade, enquanto os jornalistas procuram a verdade e, também, a *notícia*. A notícia normalmente é baseada num "avanço" na pesquisa, ou como uma nova e "surpreendente" previsão. Mas, em geral, o progresso científico ocorre numa série de pequenos passos, e não por um avanço isolado e repentino. É a soma de vários pequenos avanços que faz uma grande descoberta.

Os jornalistas especializados em meio ambiente passam uma boa parte do tempo reagindo a acontecimentos que são notícia - o vazamento de

um produto químico, uma nova lei, etc. Mas a maior parte do trabalho científico não é polêmica e não tem grande repercussão. Ainda sim, esse trabalho é *importante*. Ao noticiar somente acidentes e "achados" isolados, os jornalistas dão a impressão de que as notícias sobre meio ambiente não passam de uma série de acidentes aleatórios e previsões calamitosas. É necessário fazer mais reportagens gerais, que informem os leitores o que está sendo feito na área científica em relação a um determinado problema ambiental.

Cientistas são cautelosos e costumam usar ressalvas quando fazem afirmações. Usam palavras e frases como "poderia indicar" ou "possivelmente sugere". É importante que o jornalista transmita, com precisão, a natureza conjectural das descobertas científicas. Além disso, os cientistas furtam-se a fazer previsões ousadas e preferem abrir um leque de possibilidades. A ênfase que os cientistas colocam nas ressalvas às suas descobertas pode diminuir o impacto da reportagem, mas o que se ganha em precisão vale a pena.

Alguns anos atrás, os cientistas da NASA, a agência espacial norte-americana, disseram que no inverno seguinte poderia surgir um buraco na camada de ozônio sobre o Hemisfério Norte. O relatório foi amplamente divulgado pela imprensa, mas a maioria das matérias ignorou as condições que os cientistas haviam estabelecido para que essas previsões se cumprissem. Para que o buraco se formasse, era necessária a ocorrência de uma série de fatores meteorológicos.

Na época, muitos outros pesquisadores estavam céticos quanto à advertência da NASA, e foram, de maneira geral, ignorados pelos jornalistas.

O buraco na camada de ozônio nunca se formou, e a reação de vários setores foi "mais um alarme falso ambientalista". A parte mais importante da história, contudo, se perdeu - a camada de ozônio sobre o Hemisfério Norte estava ficando mais fina bem antes do previsto.

Se desde o início os jornalistas tivessem esclarecido os leitores sobre as condições que poderiam impedir a ocorrência do fenômeno, a advertência da NASA não teria parecido "um alarme falso". O público teria sido melhor informado se os jornalistas tivessem usado como lide a situação geral da camada de ozônio, ao invés de tentar prever "o dia do juízo final".

A maneira como a mídia noticia as divergências entre cientistas também tem sido criticada. Alguns cientistas afirmam que os jornalistas estão excessivamente preocupados com os conflitos e ignoram os consensos entre a comunidade científica.

Os jornalistas são treinados para ouvir diferentes opiniões sobre um assunto, e chegar a um "equilíbrio". Isso também é importante no caso de notícias científicas. Mas deve-se ter o cuidado de fornecer uma visão precisa do consenso científico. Em todas as áreas de pesquisa existem diferenças de opinião, as quais, em geral, vale a pena mencionar. Entretanto, não devem ser descritas de forma que pareça que todos os lados têm o mesmo peso, quando isso não for verdade.

Por exemplo, a maioria dos cientistas acredita que a exposição ao chumbo diminui o nível de inteligência das crianças. Uma pequena minoria de pesquisadores nega essa relação. Uma reportagem sobre chumbo deve mencionar ambos

## TENHA EM MENTE

Não é preciso produzir bancos de dados para fazer uma boa cobertura do meio ambiente.

Crie seus próprios arquivos sobre assuntos de seu interesse.

Guarde artigos de revista, recortes de jornais e dicas que possam servir para reportagens investigativas mais longas.

Mantenha os arquivos em ordem cronológica, para poder fazer a repercussão de releases que prometem mudanças ou ação em breve.



os pontos de vista, mas não deve sugerir que os cientistas estão salomonicamente divididos sobre o assunto. Seria enganoso dar a entender que ambos os lados são "iguais", quando, de fato, um deles é minoritário. É mau jornalismo.

Isso não significa que o jornalista deve ignorar a opinião da minoria. A verdade científica não depende do voto democrático. Galileu, na sua época, era minoria. Para não correr o risco de enganar o público, o melhor é apresentar um quadro preciso do nível de consenso entre os cientistas.

Como um repórter pode determinar se há consenso entre cientistas? A melhor maneira é consultar as universidades e outras instituições científicas de renome. Um bom cientista poderá informar o grau de concordância que existe acerca de uma determinada questão científica.

# 8

## EXAMINE AS INFORMAÇÕES COM ESPÍRITO CRÍTICO

**R**eportagens sobre meio ambiente têm tantas implicações políticas e econômicas que os profissionais da área devem pôr em prática todo seu ceticismo quando recebem uma "dica" para uma matéria.

Por exemplo, uma empresa de consultoria ambiental divulga um relatório no qual afirma que uma legislação ambiental mais rigorosa teria um impacto positivo sobre a economia. Parece material para uma boa reportagem; os achados do estudo contrariam a crença geral de que existe um conflito entre a proteção ambiental e o crescimento econômico. Entretanto, o ideal seria o repórter verificar se as conclusões do relatório beneficiariam a empresa de alguma maneira.

É evidente que sim. Novas leis na área ambiental significam novos contratos para as firmas de consultoria ambiental. A empresa tem interesse em tornar a legislação ambiental mais abrangente.

Isso não significa que o assunto não renda uma boa matéria. O estudo pode estar baseado numa análise econômica correta. O fato de a empresa ter interesse na questão não significa que o relatório sirva apenas para promovê-los. Um jornalista que identifique os interesses da firma terá mais condições de detectar se é, de

fato, propaganda, e de fornecer mais informações aos leitores.

Qualquer empresa petrolífera que afirme que prospecção de petróleo em florestas tropicais úmidas causa pouco dano ao meio ambiente deveria ser bombardeada com perguntas críticas. Os interesses da empresa de petróleo são evidentes. Mas isso não significa que o repórter deva descartar a possibilidade de fazer uma matéria sobre as medidas de proteção tomadas por essas empresas para evitar acidentes.

Alguns interesses são menos óbvios. Os grupos ambientalistas precisam do grande público para arrecadar fundos. A proteção de certas espécies, como os filhotes de foca, despertam maior cooperação do que outros. Poderá isso afetar a posição de um grupo ambientalista em relação à proteção de determinadas espécies? A necessidade de obter recursos faz com que os grupos ambientalistas algumas vezes exagerem suas reivindicações? Não necessariamente, mas um jornalista ciente dessa possibilidade poderá examinar tais reivindicações de modo mais crítico.

Quando um jornalista recebe um relatório ou uma pesquisa de opinião pública, a primeira coisa que deve perguntar é "Quem pagou esse estudo?" (ver a dica N° 6). É mais provável que um estudo pago por uma empresa de petróleo chegue a conclusões favoráveis à indústria petrolífera. Muitos estudos, supostamente isentos, são pagos por grupos com muito a perder, dependendo de como uma determinada questão é decidida.

Podem ser difícil descobrir quem financiou um projeto. Com frequência, é um "grupo independente". Então, a próxima pergunta deverá

## TENHA EM MENTE

Nas reportagens sobre meio ambiente, procure evitar:

- frases longas,
- parágrafos desconexos,
- termos técnicos não explicados,
- longas citações, cheias de linguagem formal ou explicações simplistas

ser "Quem financiou o grupo?" Se não houver uma resposta clara a essa pergunta, desconfie. Alguns grupos ditos independentes parecem menos independentes quando se descobre onde conseguem dinheiro.

O trabalho dos cientistas também precisa ser pago. Infelizmente, poucos jornalistas perguntam aos cientistas quem financiou seu trabalho, pergunta que poderia trazer luzes à pesquisa realizada.

# 9

## PROCURE O EQUÍLBRIO

Não é raro o jornalista confrontar-se com o fato de que o que ele escreve nunca será totalmente isento. Ao escolher o assunto de uma reportagem, definir quem será entrevistado e selecionar as opiniões a serem incluídas, o repórter já assume uma posição. Uma reportagem nunca pode ser considerada a verdade objetiva proveniente do Altíssimo. Mesmo as histórias mais isentas de alguma maneira refletem o ponto de vista do jornalista. É a antiga controvérsia sobre *objetividade* versus *subjetividade*.

Mas mesmo que não possa ser totalmente objetivo, o jornalista pode ser correto e responsável. Não deve deixar que suas preferências ou tendências naturais o impeçam de, ao menos, *tentar* ser isento ou imparcial. Esta regra com frequência é esquecida na cobertura do meio ambiente.

Nos últimos anos, um número crescente de jornalistas tem argumentado que os princípios básicos do jornalismo são inadequados para as questões ambientais. Já que é o futuro do habitat humano que está em jogo, argumentam, os jornalistas ambientais devem advogar em defesa do meio ambiente.

O raciocínio é, mais ou menos, o seguinte:

Uma reportagem supostamente neutra trata ambos os lados de uma questão como se fossem iguais, quando na verdade não são. Quem poderia ser a favor da destruição da camada de ozônio? Quem apoiaria a exposição dos agricultores a agrotóxicos letais? Ser isento diante de tais questões é como tocar violino enquanto Roma arde. Os jornalistas devem participar ativamente na conscientização do público, com objetivo de fazê-lo reagir diante dos problemas ambientais mais graves.

Um jornalista que escreva para uma revista de meio ambiente talvez concorde com a necessidade de advogar abertamente em favor das causas ambientais. Mas, na opinião de muitos profissionais, os repórteres que trabalham para grandes veículos desempenharão melhor seu papel e prestarão um melhor serviço aos leitores e telespectadores se não abraçarem nenhum causa.

Ninguém é a favor da poluição, mas há diferenças de opinião quanto ao que fazer a esse respeito, e quanto ao custo-benefício dos programas de despoluição. São assuntos sobre os quais é legítimo discordar.

O mundo está cheio de opiniões conflitantes. Há pessoas que divergem quanto à necessidade de salvar uma espécie. Outras acreditam que algumas afirmações ecológicas são exageradas. Os jornalistas não devem impor seus valores ao redigir uma reportagem. As habilidades

## TENHA EM MENTE

Evite perguntas que podem ser respondidas com um simples "sim" ou "não".

Faça perguntas que possibilitem fazer uma suíte.

Peça exemplos às suas fontes.

Quando alguém afirma que pode resolver os problemas, peça que especifique as soluções.

básicas do jornalista devem prevalecer: apuração e checagem dos fatos, e apresentação objetiva das informações colhidas.

Um dos principais riscos de tomar o partido de uma causa é a perda de credibilidade - em muitos casos, isso é tudo que o jornalista possui. Após perder a confiança do público e das fontes, será difícil, senão impossível, recuperá-la. Quando os jornalistas têm uma visão tendenciosa de um determinado assunto, as pessoas podem achar que estão defendendo os interesses de terceiros.

Há outros perigos. Se um jornalista está convencido de que o aquecimento global é um problema grave, é provável que ele escreva mais sobre estudos que confirmam sua opinião e descarte descobertas científicas que demonstrem o contrário. Nesse caso, a verdade torna-se uma vítima da falta de isenção.

Alguns jornalistas presumem, equivocadamente, que ser imparcial significa tratar todos os argumentos com o mesmo peso.

Digamos que uma empresa furta-se à responsabilidade de limpar um grande derramamento de petróleo. Para ser isento, o repórter precisa dar à empresa uma oportunidade de apresentar seus argumentos. Mas ele também tem a obrigação de avaliar tais argumentos. Caso a empresa afirme que o vazamento não causou grandes danos, essa informação tem que ser checada. Caso se confirme que a empresa atenuou a importância dos fatos, o jornalista tem a obrigação de dizer isso na matéria. Agir de outra maneira seria praticar um jornalismo desonesto.

Os jornalistas devem depender de informações factuais e não das próprias opiniões.

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

50

Devem apresentar as provas - os resultados de estudos independentes e as posições de funcionários governamentais e pesquisadores, etc. Em geral, os fatos falam por si mesmos.

Alguns jornalistas de países em desenvolvimento encaram o problema da falta de isenção sob outro ângulo. Em certos países, as autoridades governamentais dizem que os jornalistas têm a obrigação de ajudar o desenvolvimento de seu país. Reportagens supostamente "isentas", mas que colocam obstáculos ao desenvolvimento econômico, "não ajudam em nada".

Em muitos países, esse argumento é poderoso, em virtude da urgente necessidade de desenvolvimento. As pressões para tornar-se um militante da causa do desenvolvimento são grandes, não apenas em função das correntes nacionalistas, mas também da postura dos governos. Entretanto, o argumento a favor da necessidade de isenção no jornalismo prevalece.

A missão da imprensa é promover o "bem" no mundo? Essa é uma questão que continua atual para os jornalistas. Informar os leitores sobre o que acontece é bastante trabalhoso, e já ajuda a resolver os problemas da sociedade. De maneira geral, os jornalistas não devem presumir que têm autoridade para agir como protetores do meio ambiente - ou de qualquer outra coisa.

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

51

## NÃO ESQUEÇA A REPERCUSSÃO

**M**esmo a melhor matéria, a mais concisa e bem redigida, terá pequeno impacto se aparecer nas páginas do jornal ou na tela da televisão apenas uma vez. O meio ambiente merece ser sempre notícia de primeira página tanto quanto qualquer outro assunto importante. Às vezes isso é difícil, na medida em que as notícias de meio ambiente evoluem vagarosamente. Nessa área é fácil o público esquecer um problema, como, por exemplo, uma promessa não cumprida pelo governo.

As pautas importantes precisam ser resgatadas ocasionalmente, de modo a manter os leitores atualizados. Quais foram as ações do governo em relação a determinado problema? Houve progresso? Quais são as descobertas científicas mais recentes? A repercussão (suíte) é fundamental para manter a história viva. É assim que os jornalistas podem manter o impacto do assunto.

O noticiário sobre o meio ambiente se caracteriza pelo que alguns denominam jornalismo de "processo", em contraste com o jornalismo "episódico", relato de fatos isolados, que têm início e fim claramente delimitados.

Eis algumas maneiras de manter vivo o noticiário sobre meio ambiente.

**Procure pautas sobre meio ambiente em outras editoriais.** O meio ambiente não é uma questão apenas científica ou política; ele afeta e é afetado por acontecimentos de muitas outras áreas. Por exemplo: como as empresas estão se adaptando à demanda por produtos ecologicamente corretos? Mudanças no código tributário incentivarão indústrias poluidoras a reduzir seus níveis de poluição? Que efeito terá um novo pólo industrial sobre os recursos hídricos locais? Os jornalistas especializados em meio ambiente devem pedir aos colegas - repórteres e editores - para ficar atentos às implicações ambientais dos assuntos que cobrem.

**Procure conexões.** Os ecologistas dedicam-se a estudar a "feia da natureza" - o número aparentemente infinito de interconexões no mundo natural. Os jornalistas devem pensar como os ecologistas e procurar as conexões entre os fatos, como pauta para novas matérias.

Como exemplo, suponha que o vazamento de um agrotóxico acabe com toda a vida num trecho de 40 km de um rio. A primeira reportagem evidentemente focalizará os fatos do vazamento, seu impacto na saúde pública e suas implicações econômicas. Mas existem outras histórias para contar:

- 1) Por que os agricultores estão utilizando um produto altamente tóxico?
- 2) O acidente evidencia um relaxamento das normas de segurança?
- 3) Terá sido eliminada uma fonte básica de alimentos para os pássaros da região?

A maioria das matérias aponta para outras matérias. Cabe aos jornalistas procurá-las.

**Saia da cidade grande.** Isso pode ser difícil, mas em geral vale a pena. É importante que os jornalistas conheçam as áreas acerca das quais escreverão. Converse com as pessoas afetadas por um agrotóxico, ou com os agricultores que afirmam que os esforços para proteger uma espécie ameaçada de extinção está acabando com seu ganha-pão. Quando as questões em jogo deixam de ser meras abstrações, o jornalista pode comunicar-se melhor com o grande público. Saindo da cidade, o repórter amplia seus horizontes e pode ter boas idéias para reportagens.

**Seja criativo.** Os jornalistas devem usar sua imaginação para repercutir (suitar) uma reportagem. Pedir às pessoas que sejam criativas pode assemelhar-se a pedir-lhes que sejam "inteligentes". Mas há sempre maneiras de estimular a criatividade. Uma delas é fazer-se a seguinte pergunta: "Aonde leva essa questão?" Olhe para o futuro, e surgirão idéias sobre a suite. Por exemplo, logo após noticiar um desmatamento ou um vazamento de petróleo, o repórter pode ligar para parlamentares e perguntar se cogitam qualquer nova legislação na área. Ou pode tentar imaginar como uma questão afeta um determinado segmento da sociedade, para escrever uma matéria especial. Muitos jornalistas mantêm os chamados "arquivos futuros", em que colocam reportagens em ordem cronológica e revisitam o tópico seis meses mais tarde, para escrever sobre a evolução do assunto.

## TENHA EM MENTE

Não se prenda ao evento mais recente na área do meio ambiente.

Sonde suas fontes para saber há quanto tempo uma situação perdura e quais são as conseqüências.

Se não incluir a informação na reportagem, poderá utilizá-la como base para uma futura matéria.

## CONCLUSÃO

Há dez perguntas que o jornalista deve fazer a si mesmo ao escrever uma reportagem sobre meio ambiente.

1. Coloquei um gancho "local" para deixar os leitores interessados ?
2. Acrescentei novas fontes à minha lista nesta semana?
3. Os aspectos mais importantes foram enfatizados e os triviais, descartados?
4. Meu texto é claro e conciso?
5. Fiz as pessoas "sentirem" a história e transmiti sua importância?
6. As descrições e as analogias ilustram os dados numéricos?
7. Os termos técnicos foram explicados?
8. Estou fazendo - e respondendo - todas as perguntas?
9. Fui fiel a minhas fontes e ao assunto?
10. Como poderia repercutir essa matéria?

## GLOSSÁRIO

**Abiótico** - Componente não-vivo do meio ambiente, como o solo, o ar, ou a água.

**Aeróbico** - Relativo a um organismo que necessita de oxigênio para sobreviver.

**Agrotóxico - Pesticida** utilizado na agricultura.

**Água subterrânea** - É a armazenada nos **aqüíferos** e no solo abaixo do lençol freático. As águas subterrâneas estão expostas a duas grandes ameaças. A primeira é sua redução, como resultado do consumo excessivo ou superexploração (uso com proveito econômico). A segunda é a poluição proveniente de vazamentos dos **aterros** e de outras fontes de substâncias tóxicas, principalmente dos produtos químicos utilizados na agricultura.

**Anaeróbico** - Organismo que não necessita de oxigênio.

**Análise custo-benefício** - Método utilizado pelos economistas para determinar a viabilidade de um projeto. Os benefícios financeiros totais de um projeto são divididos pelo seu custo total durante toda a duração do projeto. Se o número obtido for superior à unidade, o projeto é considerado válido. Se inferior, será considerado inválido. Parece ser uma abordagem simples e direta, mas é difícil atribuir um valor monetário a alguns benefícios e custos, como a preservação de uma espécie ou a qualidade do ar.

**Aqüífero** - Formação geológica que armazena água no subsolo. Os aqüíferos são objeto de acirrados debates em áreas que dependem deles para o fornecimento de água doce. O consumo da água proveniente de um aqüífero, por populações urbanas, agricultores e indústrias, com

frequência excede a taxa de reposição natural. Baixos níveis dos aqüíferos podem resultar na insuficiência de água, na sua contaminação, devido ao aumento da salinidade e do teor dos diversos minerais nela dissolvidos, e na formação de "sink holes"<sup>4</sup>.

**Aterro sanitário** - Método de dispor resíduos sólidos, que são compactados e enterrados. Em geral, são locais escavados forrados com plástico ou argila, os quais possuem um sistema de coleta do "**chorume**".

**Bacia** - Área na qual um rio capta sua água; o termo também é utilizado para descrever as fontes de água de lagos e regiões.

**Bioacumulação** - Processo pelo qual a concentração de pesticidas e de outros produtos químicos aumenta no organismo ao longo do tempo. Essa acumulação ocorre quando a ingestão de uma determinada substância é superior à correspondente taxa de excreção ou metabolização. Ver **Bioimanificação**.

**Biodegradável** - Substância que pode ser decomposta mediante a ação de seres vivos (como bactérias ou microorganismos), formando produtos inócuos.

**Bioimanificação** - Processo pelo qual a concentração dos pesticidas e de outras substâncias aumenta à medida que movem-se pela cadeia alimentar ou cadeia trófica. Entre os fatores que influenciam a magnificação biológica está a afinidade da substância por tecidos adiposos, sua persistência e os efeitos concentradores da cadeia alimentar. Ver **Bioacumulação**.

**Biomassa** - Peso total de todos os seres vivos num determinado ambiente ou numa amostra. O termo também é utilizado para descrever materiais orgânicos que podem ser empregados como combustível - material vegetal seco, lenha, resíduos orgânicos, etc.

4 N.T. - Depressão no terreno causada pela superexploração do aqüífero.

**Biotecnologia** - Técnica de usar e adaptar propriedades de seres vivos. São exemplos a fermentação, a produção de antibióticos como a penicilina, obtenção de insulina e métodos de controle biológico.

**BTU** - Unidade britânica usada para medir energia. Equivale à quantidade de energia necessária para aumentar, em um grau Fahrenheit, a temperatura de uma libra de água.

**Camada de ozônio** - Camada de ozônio na estratosfera, a qual filtra a perigosa radiação ultravioleta-B (que está associada ao aumento na frequência de câncer da pele, cataratas em mamíferos e danos às lavouras). A camada de **ozônio** diminuiu nas últimas duas décadas, em especial sobre o Hemisfério Sul. Muitos cientistas atribuem a redução da camada de ozônio a um aumento no teor de cloro na atmosfera, resultante da liberação de **CFCs**. Outros acreditam que a camada de ozônio flutua de acordo com um ciclo natural de longo prazo. Independentemente da causa, a camada de ozônio sobre a Antártida fica, periodicamente, tão fina, que os cientistas falam de um *buraco de ozônio*.

**Carcinógeno** - Substância que aumenta a probabilidade de se desenvolver câncer naqueles que com ela entram em contato. Do ponto de vista técnico, não significa "causadora de câncer", já que as substâncias carcinógenas não causam câncer em todos os indivíduos a elas expostos.

**"Chorume"** - Líquido que contém substâncias dissolvidas, retiradas de sólidos permeáveis com altos teores de tais substâncias. Por exemplo, os aterros geram "chorume" que, com frequência, está contaminado por substâncias tóxicas e ameaça as águas subterrâneas.

**Chumbo** - Metal pesado mais comum. É muito tóxico para os seres humanos e a maioria dos animais. A exposição ao chumbo pode interferir na atividade do sistema nervoso e na formação das células vermelhas do sangue (hemácias), inibindo, desta maneira, a

transferência de oxigênio ao organismo. O uso de tubulações de chumbo constitui uma grande ameaça à saúde pública. Acredita-se que a exposição ao chumbo inibe o desenvolvimento intelectual das crianças.

**Chuva ácida** - Precipitação com **pH** inferior ao normal. Mais preciso seria o termo precipitação ácida, já que a neve, o granizo e a mistura de chuva com neve também podem ser ácidos. A precipitação normal é apenas ligeiramente ácida. A precipitação ácida é causada por emissões de enxofre e óxidos de nitrogênio na queima de **combustíveis fósseis**. Os óxidos de nitrogênio ( $\text{NO}_x$ ) reagem na atmosfera, produzindo ácido nítrico ( $\text{HNO}_3$ ), óxidos de enxofre ( $\text{SO}_x$ ) e ácido sulfúrico ( $\text{H}_2\text{SO}_4$ ). A chuva ácida pode prejudicar a reprodução dos animais aquáticos, causar danos às plantas e aumentar a taxa de lixiviação de **metais pesados**, do solo, como chumbo.

**Ciclo de nutriente** - Rota do nutriente através do ecossistema, desde sua assimilação pelos organismos até sua liberação por decomposição ou **evapotranspiração**.

**Ciclo hidrológico** - Movimento da água através do ecossistema. O ciclo depende da capacidade de a água estar presente nas formas líquida e gasosa. O ciclo tem quatro fases: evaporação, condensação, precipitação e deflúvio.

**Clorofluorcarbonos/CFCs** - Gases inertes fabricados para uso em sistemas de ar condicionado e refrigeração, e como combustíveis propulsores e solventes industriais. Quando liberados, os CFCs migram à atmosfera superior, onde destroem a camada de ozônio que protege a Terra.

**Clorofluormetanos** - Maior subgrupo dos CFCs; são utilizados em refrigeração e como solventes na limpeza de circuitos integrados e "microchips". Também conhecidos como freon.

**Coliforme fecal** - Tipo de bactéria normalmente presente no intestino grosso dos mamíferos. Quando presente na água, no solo, ou nos alimentos, serve como



indicador de contaminação fecal por animais ou seres humanos. Sua ingestão pode causar doença e morte.

**Combustíveis fósseis** - Principal fonte de energia nas sociedades modernas, esses combustíveis, que têm como base o carbono, são constituídos pelos restos orgânicos de organismos fossilizados. O carvão de pedra e o petróleo são os dois principais combustíveis fósseis. O gás natural é uma subcategoria do petróleo, já que é gerado durante a formação do petróleo.

**Contaminante** - Qualquer substância num ambiente ao qual não pertença que causa problemas estéticos e de risco à saúde. Em geral, divide-se entre contaminantes físicos e químicos.

**Conversão de dívida** - Acordo financeiro pelo qual uma determinada parte da dívida externa de um país é perdoada se o país concordar em preservar áreas naturais. Em geral, essas conversões são efetuadas em associação com um grupo independente, como uma organização ambientalista.

**Deflúvio** - Escoamento superficial da água. Aproximadamente um sexto da precipitação numa determinada área escoo como deflúvio. O restante evapora ou penetra no solo. Os deflúvios agrícolas, das estradas e de outras atividades humanas podem ser uma importante fonte de poluição da água.

**Desenvolvimento sustentado** - Teoria segundo a qual o bem-estar da humanidade no futuro depende da conservação dos recursos naturais. Em outras palavras, o desenvolvimento sustentado permite o progresso para atender às necessidades do presente, mas sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atender às suas próprias necessidades.

**Desertificação** - Processo de transformação de terras não-desérticas em deserto, como resultado, em geral, de pastagem excessiva, exaustão da matéria orgânica, uso excessivo das águas subterrâneas, mudanças nos padrões de precipitação, etc.

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

60

**Desmatamento** - Perda de florestas como resultado de atividades madeireiras, agropecuárias, de mineração, ou de construção de estradas. O desmatamento pode causar erosão do solo, processos de assoreamento e perda de biodiversidade e de **habitats** essenciais.

**Dioxina** - Nome comum da dibenzo-para-dioxina policlorada. Existe uma grande variação na toxicidade das dioxinas. A substância mais tóxica sintetizada pelo homem é a dioxina no pesticida Silvex -2,3,7,8 tetracloro dibenzo-para-dioxina. Outras dioxinas são menos perigosas, mas nenhuma é totalmente segura. Com frequência, as dioxinas constituem subprodutos dos processos industriais, da combustão de certos plásticos, como os tubos de PVC, e dos processos de alvejamento do papel, nos quais se utiliza o cloro. Os danos à saúde resultantes da dioxina incluem lesões nervosas e hepáticas, má-formação fetal e abortos espontâneos. Da mesma forma dos **PCBs**, as dioxinas acumulam-se na cadeia alimentar.

**Ecossistema** - Determinada região, grande ou pequena, incluindo todos os organismos vivos que a ela pertencem. Em geral, são considerados ecossistemas aquelas regiões em que os organismos vivos possuem um relacionamento relativamente estável.

**Efeito estufa** - Processo pelo qual determinados gases, principalmente o dióxido de carbono e o vapor d'água, retêm parte do calor do sol e refletem-no para a Terra. Os gases deixam passar a energia do sol de onda curta, mas absorvem a energia de onda mais longa, impedindo, portanto, que o calor do sol seja refletido para o espaço. Sem esse processo natural, a Terra seria consideravelmente mais fria do que é, e não poderia sustentar a vida.

(Observação: Muitos cientistas estão preocupados com o aumento, nos últimos anos, das concentrações atmosféricas dos gases que *provocam o efeito estufa*, pois receiam que as temperaturas médias da Terra aumentem como resultado desse fenômeno. A maioria dos pesquisadores concorda que está ocorrendo um

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

61

*aquecimento global*, embora haja muita incerteza quanto à taxa de aquecimento e sua magnitude. Entre os "gases do efeito estufa", além do CO<sub>2</sub>, estão o metano, o óxido nitroso e os CFCs.)

**Efluente** - Qualquer resíduo despejado no meio ambiente. Nem todos os efluentes causam poluição, mas toda poluição é proveniente de efluentes.

**Endêmico** - Que ocorre naturalmente numa área limitada (por exemplo, os Pandas são endêmicos da China).

**Erosão** - Desgaste do solo devida ao vento, à chuva, ou a outras forças da natureza. A erosão pode ser acelerada pela agricultura, excesso de pastagem, atividade madeireira e construção de estradas.

**Esgoto** - Resíduos domésticos líquidos, incluindo dejetos humanos e águas servidas.

**Estuário** - Foz de um rio ou baía, onde se misturam a água doce do rio e a água salgada do mar. Os estuários são importantes por se constituírem num dos mais diversificados **ecossistemas**.

**Eutrofização** - Processo pelo qual aumenta o nível de nutrientes em um corpo d'água. Em condições normais, esse processo é muito vagaroso. Quando a eutrofização é acelerada por **deflúvios** da agricultura ou outras atividades humanas, o processo é denominado eutrofização acelerada e problemática, porque resulta na retirada de oxigênio da água, matando os peixes ou outras formas de vida aquáticas não-vegetais.

**Evapotranspiração** - Quantidade de água liberada do solo e de corpos d'água (evaporação) e também a proveniente de organismos vivos (transpiração). Ou seja, todo o vapor d'água naturalmente liberado num determinado local, através de processos físicos e biológicos.

**Exploração** - Exploração com fins comerciais, especialmente de recursos naturais.

**Fitotóxico** - Venenoso para as plantas.

**Fixação do nitrogênio** - Conversão do nitrogênio (N) atmosférico em formas utilizáveis pelos organismos. No solo, por exemplo, certas bactérias fixam o nitrogênio atmosférico, tornando-o disponível às plantas.

**Floração das águas**<sup>5</sup> - Fenômeno em que um grande número de algas, num corpo d'água, interfere em outras formas de vida, devido, principalmente, ao consumo do O<sub>2</sub> dissolvido na água. Esse fenômeno pode ser causado pela **eutrofização**.

**Habitat - Ecossistema** que sustenta um determinado organismo.

**Hipótese Gaia** - Teoria que propõe que a Terra e sua atmosfera funcionam como um organismo auto-regulador. Muitas sociedades consideraram a Terra como um ser vivo, sendo que a hipótese utiliza o nome da deusa grega da terra. Alguns acreditam que esta teoria aponta para a fragilidade essencial da Terra e os perigos dos distúrbios causados pelo homem no meio ambiente. Outros proponentes da Hipótese Gaia enfatizam a interdependência do homem com os solos, os oceanos, as florestas, a "biomassa", etc. Um terceiro grupo argumenta que, por ser a Terra um organismo auto-regulador, adaptar-se-á às mudanças causadas pelo homem.

**Mercurio** - Metal pesado altamente tóxico. A exposição ao mercúrio pode causar distúrbios nervosos e tremores; altos níveis desse metal podem causar lesões nervosas e graves má-formações congênicas. Nos corpos d'água, as bactérias **anaeróbicas** convertem o mercúrio em metilmercúrio, produto solúvel em gordura, o qual se **bioacumula** na cadeia alimentar.

**Metais pesados** - Grupo de metais de peso atômico relativamente alto. Alguns - como zinco e ferro - são necessários ao corpo humano, em pequeníssimas

5 - N.T. - Também denominada "Boom de Algas".

concentrações. Outros - como chumbo, mercúrio, cromo e cádmio - são, em geral, tóxicos aos animais e às plantas, mesmo em baixas concentrações. São particularmente preocupantes por se **bioacumularem** no organismo, ao invés de se degradarem ou dissiparem. Dois elementos não-metálicos são também incluídos no grupo, o arsênico e o selênio. Embora o alumínio não seja um metal pesado, é tóxico para as plantas.

**Mutagênico** - Substância que altera a composição genética de um organismo, mudando as características da sua prole. As mutações podem ser repassadas à terceira geração, ou seja, aos filhos dos filhos. Ver **teratogênico**.

**Neurotoxina** - Substância que causa lesões ou destrói o tecido nervoso. Muitos inseticidas funcionam como neurotoxinas. Uma vez que a estrutura nervosa é relativamente similar em todos os animais, tais inseticidas são potencialmente perigosos a outros animais, inclusive aos seres humanos.

**Nicho** - Papel funcional de uma espécie, numa comunidade ou num habitat, que fornece as condições necessárias a um determinado organismo.

**Nível da água subterrânea** - Limite superior da zona saturada do solo ou aquífero.

**Nível natural** - Níveis normais de um determinado elemento ou composto, num determinado ambiente, medidos com o objetivo de determinar a exposição normalmente presente e obter um valor natural no qual basear futuras mensurações. Como exemplo, pode-se citar os níveis naturais de radioatividade.

**ONG** - Abreviatura de organização não-governamental. Trata-se, em geral, de organizações ambientalistas, organizações de cunho social e outros grupos de caráter não-governamental.

**Ozônio** - Gás azulado, instável, constituído por três átomos de oxigênio ( $O_3$ ). Na terra, o ozônio é formado pela reação do oxigênio com os poluentes do ar urbano, quando expostos à luz solar. Também conhecido como

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

64

"**smog**" fotoquímico, o ozônio é um severo irritante respiratório. Na estratosfera, o ozônio é criado quando as moléculas de oxigênio ( $O_2$ ) são divididas pela luz solar. A seguir, os átomos livres de oxigênio ligam-se a outras moléculas de oxigênio.

**PCBs (Bifenis policlorados)** - Substâncias usadas antigamente como isolantes de transformadores elétricos e como fluido hidráulico. A exposição a essas substâncias pode acarretar distúrbios gastrointestinais e dormência nas extremidades, entre outros sintomas. Os bifenis policlorados **bioacumulam-se** rapidamente na cadeia alimentar. O teor de PCB permanece inalterado, indefinidamente, na maioria dos tecidos vivos. Ver **Bioacumulação**.

**Pesticida** - Produto químico utilizado para matar pragas, especialmente insetos e roedores. Esta categoria inclui inseticidas, herbicidas, fungicidas e raticidas.

**pH** - Medida da condição ácida ou alcalina de uma solução química. O pH varia numa escala de 0 a 14, sendo 0 a condição mais ácida e 14, a mais alcalina. Uma solução com pH de 7,0 é neutra. O pH indica quantos átomos de hidrogênio há num líquido.

**Polição de fonte não-pontual** - Poluição de fontes difusas, como o **deflúvio**, a deposição aérea, ou a agricultura.

**Polição de fonte pontual** - Qualquer poluição derivada de uma fonte fixa, como um cano ou uma chaminé. Entretanto, em geral refere-se à poluição da água.

**Polição do ar** - Introdução de contaminantes no ar. Os poluentes do ar dividem-se em quatro categorias principais: aerossóis (gotículas de líquido suficientemente pequenas para estarem em suspensão no ar), partículas (cinzas, poeira e outros pequenos pedaços de matéria sólida flutuando no ar), radiação e gases. Os quatro principais tipos de gases poluentes são o monóxido de carbono (CO), os óxidos de nitrogênio ( $NO_x$ ), os óxidos de enxofre ( $SO_x$ ) e os compostos orgânicos voláteis (VOCs).

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

65

**Poliuição térmica** - Aumento prejudicial na temperatura da água, decorrente, com freqüência, da liberação de água aquecida, utilizada no arrefecimento das usinas geradoras de eletricidade. A poluição térmica é danosa, em especial, para a vida aquática.

**ppb** - Partes por bilhão; usado para medir a concentração de poluentes.

**ppm** - Partes por milhão; usado para medir a concentração de poluentes.

**Radônio** - Gás radioativo, invisível, que ocorre na natureza. Torna-se um problema ambiental quando vaza de fontes naturais no solo para dentro das casas, onde pode ser inalado. As substâncias resultantes da decomposição do radônio, denominadas filhas de radônio, podem causar câncer do pulmão.

**Reflorestamento** - Replanteio de florestas devastadas ou de áreas devolutas.

**Resíduos biológicos perigosos** - Material humano ou animal que pode transmitir substâncias prejudiciais ao meio ambiente. Incluem fezes, secreções, hemoderivados, ataduras e outros materiais. Os hospitais produzem grande quantidade de resíduos biológicos perigosos.

**Resíduo perigoso** - Resíduo líquido ou sólido que ameaça a segurança ou a saúde da população, ou do meio ambiente.

**Resíduos sólidos** - Resíduos que incluem, embora sem a eles se limitarem, detritos municipais, comerciais, institucionais, residuais ou sólidos, assim como líquidos em estado sólido, líquido, semi-sólido, ou gasoso em recipientes.

**Resíduos tóxicos** - Resíduos que oferecem perigo à saúde humana ou ao meio ambiente quando gerenciados de maneira inadequada.

**Salinização** - Degradação de terras férteis causada pelo sal. A salinização das terras agrícolas é comum em áreas

que dependem de irrigação: a evaporação superficial retira sais do solo e das pedras no subsolo, sendo que a redução das águas subterrâneas aumenta o percentual de minerais e sais na água armazenada.

**Sedimentação** - Acúmulo de solo e/ou partículas minerais no leito de um corpo d'água. Em geral, esse acúmulo é causado pela erosão de solos próximos, ou pelo movimento vagaroso de um corpo d'água, como ocorre quando um rio é represado para formar um reservatório.

**Silvicultura** - Cultivo de certos tipos de árvores para fins comerciais, como lenha ou fabricação de papel. Uma vez que os projetos de silvicultura, em geral, são tipicamente de monocultura e susceptíveis a doenças, oferecem escasso **habitat** à vida selvagem.

**Smog** - Termo da língua inglesa derivado das palavras fumaça (smoke) e nevoeiro (fog), usado para representar a mistura visível desses elementos em centros urbanos e industriais.

**Solo aluvial** - Solo resultante do depósito de material por correnteza, como ocorre quando a enchente de um rio ultrapassa suas margens naturais e cobre as terras adjacentes.

**Sumidouro** - Qualquer local que absorva quantidades significativas de uma substância ou tipo de energia. Uma vez que a vegetação converte dióxido de carbono em carbono sólido, a floresta tropical úmida da Amazônia funciona como um sumidouro de carbono.

**Teratogênico** - Diz-se de substância que causa defeitos congênitos mediante mudanças no desenvolvimento do feto. É conceito diferente de **mutagênico**, que altera a estrutura genética do feto.

**Toxicidade** - Capacidade de uma substância de causar envenenamento ou morte.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Nota do Autor: Utilizei diversas fontes para elaborar este manual e seu glossário de termos, incluindo:

Allaby, Michael, Dictionary of the Environment, 3rd. Edition (New York: New York University Press, 1989).

Ashworth, William, Encyclopedia of Environmental Studies (New York: Facts on File, 1991).

Smith, Robert Lee, Elements of Ecology, 3rd. Edition (New York: Harper Collins, 1992).

Para mais informações acerca das questões ambientais regionais, sugeriria as seguintes obras (entre outras):

Environmental Reporting in Central America, por Diane Jukofsky e Chris Wille. Edição interna do Conservation Media Center/The Rainforest Alliance. Disponível em inglês e espanhol. Contactar:

The Conservation Media Center  
Apdo. 138-2150, Moravia  
San José, Costa Rica  
Telefone: 506-3073 - Fax: 506-40-2543

Covering the Environment, por Michael J. Keating. Edição interna da (Canadian) National Roundtable on the Environment and the Economy. Disponível em inglês e francês. Contactar:

National Roundtable on the  
Environment and the Economy  
1 Nicholas Street, Suite 1500  
Ottawa, Ontario K1N 7B7  
Telefone: (613) 992-7189 - Fax: (613) 992-7385

Reporting on the Environment: A Handbook for Journalists. Edição interna de 1988 da United Nations

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

68

Economic and Social Commission for Asia and the Pacific (ESCAP). Contactar:

United Nations/ESCAP  
United Nations Building  
Rajadamnern Avenue  
Bangkok, 10200 Tailândia

Reporting on the Environment: A Handbook for Malaysian Journalists. Edição interna de 1989 do Malaysian Forum of Environmental Journalists. Contactar:

Therasa Manavalan, Secretary  
Malaysian Forum of Environmental  
Journalists  
c/o The Malay Mail, 31 Jln Riong  
59100 Kuala Lumpur, Indonésia

Environmental Profiles. A Global Guide to Projects and People, editado por Linda Sobel Katz, Sarah Orrick e Robert Homig. Publicado em 1993 por Garland Publishing, New York. Identifica os movimentos ambientalistas em 115 países.

Environmental Sourcebook, por Edith Stein. Publicado em 1992 por Lyons & Burford, New York. O melhor livro de referência para consultas rápidas, considerando seu tamanho. O catálogo de Lyons & Burford relaciona diversos livros de história natural e outros aspectos da natureza. Contactar:

Lyons & Burford Editores  
31 West 21st. Street  
New York, NY 10010  
Telefone: (212) 620-9580

REPORTAGENS SOBRE O MEIO AMBIENTE

69

# Organizações Nacionais e Afiliadas do WWF

WWF - África do Sul, P.O. Box 456,  
Stellenbosch 7600  
África do Sul  
Tel: 27 2188 728 01

WWF - Alemanha  
Heiderichst. 110, P.O. Box 70  
1127, D-6000  
Frankfurt a/M 70  
Alemanha  
Tel: 49 69 60 50 030

WWF - Austrália  
Level 10, 8-12 Bridge Street  
G.P.O. Box 528  
Sidney NSW 2001  
Austrália  
Tel: 61 2 247 6300

WWF - Áustria  
Ottakringerstr., 114-116/9,  
Postfach 1  
A-1162 Viena  
Áustria  
Tel: 43 1 409 16 41

WWF - Bélgica  
608 Chaussée de Waterloo  
B-1060 Bruxelas  
Bélgica  
Tel: 32 2 347 30 30

WWF - Canadá  
90 Eglinton Ave. East, Suite 504  
Toronto, Ontário M4P 277  
Canadá  
Tel: 1 416 489 88 00

WWF - Dinamarca  
Ryesgade 3 F, DK-2200  
Copenhagen N  
Dinamarca  
Tel: 45/35 36 36 35

WWF - Espanha, ADENA  
Santa Engracia 6,  
E-28010 Madrid  
Espanha  
Tel: 34 1 308 23 09

WWF - Estados Unidos  
1250, 24th St. N.W.  
Washington D.C., 20037-1175  
Estados Unidos  
Tel: 1 202 293 48 00

WWF - Finlândia  
Uudenmaankatu 40, SF-00120  
Helsinki 12  
Finlândia  
Tel: 358 0 644 511

WWF - França  
151 Boulevard de la Reine, F-78000  
Versailles  
França  
Tel: 33 1 39 24 24 24

WWF - Holanda  
Postbus 7, NL-3700 AA Zeist  
Holanda  
Tel: 31 3404 37 333

WWF - Hong Kong  
1, Tramway Path, G.P.O. Box 12721  
Hong Kong  
Tel: 852 526 10 11

WWF - Índia  
P.O. Box 3058, 172 B, Lodihi Road  
Nova Deh 110 003  
Índia  
Tel: 91 11 461 65 32

WWF - Itália  
Via Salaria 290, I-00199  
Roma  
Itália  
Tel: 39 6 854 24 92

WWF - Japão  
Nihonseimei Akabanebashi Bldg.  
3-1-14 Shiba, Minato-ku, Toquio 105  
Japão  
Tel: 81 3 3769 1711

WWF - Malásia  
3 Flr. Wisma UM Annexe,  
Jalan Yong Shook Lin, Locked Bag  
Nº 911  
46990 Petaling Jaya  
Malásia  
Tel: 60 3 757 91 92

WWF - Noruega  
Kristian Augustsgt. 7A, P.B. 6784  
St. Olavs PL, 0130 Oslo  
Noruega  
Tel: 47 2 220 37 77

WWF - Nova Zelândia  
Botanic Garden, P.O. Box 6237  
Wellington  
Nova Zelândia  
Tel: 64 4 499 2930

WWF - Paquistão  
P.O. Box 5180, Model Town  
54600 Lahore  
Paquistão  
Tel: 92 42 856 177

WWF - Reino Unido  
Panda House, Weyside Park,  
Godalming  
Surrey GU7 1XR  
Reino Unido  
Tel: 44 483 426 444

WWF - Suécia  
Ulriksdals Slott, S-171 71  
Solna  
Suécia  
Tel: 46 8 624 74 34

WWF - Suíça  
Förfibuckstrasse 66, Postfach,  
CH-8037  
Zurique  
Suíça  
Tel: 41 1 272 20 44

Fundación Vida Silvestre, Argentina  
Defensa 245/51, 6 Piso  
1065 Capital Federal, Buenos Aires  
Argentina  
Tel: 54 1 331 4864  
Fax: 54 1 312 5288

Fundación Natura, Equador  
Av. América 5653 y Voz Andes,  
Casilla 17-01-253,  
Quito  
Equador  
Tel: 593 2 447 341

Nigerian Conservation Foundation,  
Nigéria  
P.O. Box 74638, Victoria Islands  
Lagos  
Nigéria  
Tel: 234 1 683 563

FUDENA, Fundación para la  
Defensa de la Naturaleza,  
Venezuela  
Avenida Principal Los Cortijos de  
Lourdes c/2a  
Apartado Postal 70376  
Caracas 1071-A  
Venezuela  
Tel: 58 2 238 2930

Wildlife Fund Thailand, Tailândia  
251/88-90 Phatolyothim Road,  
Bangkok 10220  
Tailândia  
Tel: 66 2 521 3435

WWF Internacional - Suíça  
Av. Mont Blanc CH-1196  
Gland Suíça  
Tel: 41 22 649522

## Brasil

WWF (Fundo Mundial para a  
Natureza)  
SHIS EQ QL 06/08 - Conj. E - 2º  
andar  
71620-430 - Brasília - DF  
Tel: (061) 248 2899  
Fax: (061) 248 7176  
Alternex: wwdr@ax.apc.org

